



## **Educação e modernidade no Brasil: um estudo sobre os livros de leitura de Júlia Lopes de Almeida**

**Estudante:** Héri Anaí Wavrita Oliveira – R.A.: 179846

**Orientador:** Prof. Arnaldo Pinto Júnior

Este trabalho analisa dois livros de leitura da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), a saber: *Contos Infantis* (1905), em coautoria com sua irmã Adelina Lopes Vieira; e *Histórias da Nossa Terra* (1911). Ambos foram utilizados no ensino primário nas primeiras décadas do regime republicano, período marcado pela aceleração da urbanização e avanço das concepções da modernidade capitalista no país.

Partindo dos estudos que focalizam a trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida, bem como sua inserção na arena educacional (como autora de livros de leitura), refletimos a respeito da educação desejada às crianças por meio das fontes selecionadas e da relação destas com os projetos socioculturais vigentes. Os referenciais teórico-metodológicos da história cultural subsidiam este trabalho, visto que potencializam as análises sobre as fontes, seus contextos de produção, circulação e formas de apropriação.

Primeiramente, apresentaremos aspectos relativos à biografia de Júlia Lopes de Almeida, bem como o contexto histórico no qual viveu. Em seguida, apresentaremos as fontes e um resumo dos principais temas analisados nos livros de leitura.

### **Júlia Lopes de Almeida: Uma escritora da *Belle Époque* brasileira**

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) atingiu a virada do século XIX para o século XX sendo considerada uma das escritoras mais destacadas do período (DE LUCA, 1995). Conquistou um notável público de leitores devido a sua produção que se envereda por matérias jornalísticas, ensaios, contos, romances, peças teatrais e livros escolares de leitura. Além disso, realizou conferências e palestras sobre assuntos nacionais.

Seus pais eram lisboetas: o professor Valentim José da Silveira Lopes (1830-1915) e a professora Antônia Adelina do Amaral Pereira (1830-1895), que emigraram para o Brasil em 1857, sob o contexto da Regeneração Portuguesa (DE LUCA, 1997). Como o casal frequentemente

recebia em sua residência a visita de poetas, escritores e músicos, Júlia Lopes de Almeida nasce em um ambiente marcado pelo apreço ao conhecimento sobre literatura, artes, etc.

Júlia Lopes de Almeida viveu boa parte de sua vida nas seguintes cidades: “a Campinas do final do Império; a São Paulo *fin-de-siècle*; o Rio de Janeiro da Primeira República” (DE LUCA, 1997, p. 214), nas quais manteve contato com renomados intelectuais e fez circular seus romances, folhetins, livros de leitura, entre outras produções.

Embora tivesse enfrentado obstáculos por ser mulher, devido ao contexto histórico no qual viveu, Júlia Lopes de Almeida presidiu a Legião da Mulher Brasileira, criada em 1919 e participou, no final do século XIX, das discussões acerca da criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, sob a liderança de Machado de Assis. Todavia, ela se viu impedida de ocupar uma cadeira na renomada instituição, pois esta não permitia a entrada de mulheres (FANINI, 2009).

Percebemos que as redes de sociabilidade que Júlia Lopes de Almeida teceu foram importantes para sua inserção no campo literário. Observamos ainda que, no conjunto de suas publicações, ela teve como objetivo alcançar dois públicos: as mulheres e as crianças. Sobre este último, via a educação escolar como um importante meio para a formação da nação, visto que nas escolas as crianças seriam formadas para a cidadania, ao aprenderem lições de cunho moral e patriótico.

No que tange o final do século XIX e início do século XX, período no qual a escritora produziu e fez circular os dois livros analisados nesta pesquisa, destaca-se que ele é marcado por transformações econômicas, políticas e sociais relacionadas ao avanço do sistema capitalista ao redor do mundo. O estudo da obra *História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à Era do rádio*, de Nicolau Sevcenko (1998), nos serviu de ponto de partida para refletirmos sobre os desdobramentos da Revolução Científico-Tecnológica e a difusão dos ideais modernos. Igualmente, merece atenção um outro fenômeno desencadeado por essa revolução: a formação das grandes metrópoles modernas.

No contexto brasileiro do final do século XIX, dentre as transformações em curso ocorreu uma necessidade de alfabetizar a população nos moldes modernos. Para tanto, foi necessário fortalecer a instituição escolar que, por sua vez, criou condições para a formação de uma literatura brasileira ajustada aos valores nacionais, atendendo aos interesses do Estado e do recém-inaugurado regime republicano.

Com o processo de institucionalização da escola primária brasileira, no contexto das várias medidas de reforma da educação pública, a partir de 1890, ganha-se destaque o surgimento dos Grupos Escolares, os quais provocaram profundas transformações no âmbito educacional, por meio de inovações nas práticas de ensino. Conforme Rosa Fátima de Souza (1998), o processo de institucionalização representou uma das faces do projeto republicano de modernização.

Já no que diz respeito aos materiais escolares, focalizamos os livros de leitura. Devido a uma grande demanda de materiais nas escolas primárias, o interesse editorial na produção desses objetos culturais crescia, e muitos professores começaram a contribuir com as editoras, elaborando obras, as quais passavam pela autorização do governo para o uso nas instituições de ensino.

A respeito das fontes analisadas, temos, primeiramente, *Contos Infantis* em sua 6ª edição, de 1905 e publicada pela editora Laemmert & Cia., no Rio de Janeiro e em São Paulo, escrito por Júlia Lopes em coautoria com sua irmã Adelina Lopes Vieira. Foi elaborado em letra de forma, tendo 182 páginas, 18 imagens e uma série de exercícios ao final de cada história cujo objetivo é discutir questões sobre a gramática do conteúdo e a moralidade dos contos. A segunda fonte é *Histórias da Nossa Terra* em sua sexta edição, datada de 1911 e publicada pela livraria Francisco Alves & Cia., de Júlia Lopes de Almeida. Escrito em letra de forma, possuindo 228 páginas e 69 figuras.

Para Júlia Lopes de Almeida, estes livros configuraram-se como importantes instrumentos de intervenção na sociedade brasileira. A escritora e outros intelectuais de seu tempo tinham em mente que as produções estrangeiras não correspondiam mais aos novos anseios, dentre eles, uma formação ajustada aos valores nacionais. Nesse sentido, *Contos Infantis e Histórias de Nossa Terra* apresentam conteúdos que reforçam aspectos morais e cívicos, estando de acordo com as concepções de educação que visavam formar o futuro cidadão da pátria nos anos finais do século XIX (HANSEN, 2007; VIDAL 2004; KLINKE, 2003).

Os seus respectivos conteúdos trazem uma certa preocupação com a regeneração da sociedade, pois sugerem a incorporação de determinados valores, hábitos, sentimentos e comportamentos considerados úteis à educação das crianças, as quais ajudariam a construir, posteriormente, um novo tecido social capaz de garantir o progresso da nação. Temas como a instrução, o valor do trabalho, a formação de hábitos e virtudes, família, solidariedade com relação ao próximo (pobres, imigrantes e negros), religiosidade, símbolos nacionais e fatos da história do Brasil – difundindo o ideal de civilização, são recorrentes nas páginas desses objetos culturais.

Levando em conta a amplitude dos assuntos que aparecem nos livros, destacamos dois temas principais para análise, a saber: *A valorização dos estudos e Nação*.

### **A valorização dos estudos**

Nos livros de leitura focalizados, o saber é cultivado principalmente na escola (local de frequência imprescindível) e na família, que, na concepção da literatura cívica, é “o principal veículo da formação moral da criança” (HANSEN, p. 94). Além disso, observa-se que os(as) personagens possuem uma rotina diária pautada pela ordem, bom aproveitamento do tempo e disciplina. A dedicação à leitura, por exemplo, é parte obrigatória nesta rotina.

Em *Histórias da Nossa Terra*, a partir de correspondências trocadas entre irmãs, uma das personagens, Isaura, conta à sua irmã mais velha, Olympia, como tem sido sua rotina já que não tem mais a irmã em seu convívio. Observa-se que a rotina descrita é marcada pela obediência, organização, boa conduta e bons exemplos:

Em obediencia ao regime estabelecido em casa [...], continuo a levantar-me ás seis horas da manhã. Depois de tomar banho frio e de arrumar o meu quarto, visto-me, almoço e saio para o collegio; antes de sair, porém, examino sempre a bolsa, verificando se está tudo em ordem (ALMEIDA, 1911, p. 43-44).

Em *Contos Infantis*, na história intitulada “A leitura”, apresenta-se a situação deprimente em que se encontrava um velho general que, ao perder a visão, não encontrava nada que o fizesse sorrir. Ele tinha apenas uma filha viúva e uma neta chamada Valentina. A filha, percebendo que o pai estava deprimido, resolveu chamar Valentina para que passasse um tempo com o avô. A netinha, abraçando e beijando-o, resolveu folhear um livro e começou a ler algumas histórias de guerra, campos de batalhas e de ambulâncias, o que alegrou o velho general. Com um sorriso estampado no rosto, Valentina correu dizer a mãe: “Agora é que eu compreendo bem quanto vale á gente o saber ler” (VIEIRA; ALMEIDA, 1905, p. 4).

Em sua tese intitulada *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*, Patrícia dos Santos Hansen (2007, p. 123-124) aponta o estudo como um dos principais instrumentos com o qual “a infância brasileira alcançaria a posição que lhe era atribuída em uma república idealmente representada como meritocrática. Tratava-se, obviamente, de uma utopia, na qual os homens de letras solucionavam uma das questões mais incômodas para eles daquele seu presente”.

Nesse sentido, Júlia Lopes de Almeida fazia parte dessa elite intelectual que atribuiu à educação um importante papel na formação dos futuros cidadãos, pois estes deveriam, com muito esforço, se dedicar aos estudos visando um futuro mais próspero. Esta noção expressa-se nas histórias nas quais objetivo é cultivar o apego ao saber e o gosto em frequentar a escola. Podemos perceber que, tanto nas obras aqui analisadas quanto fora delas, devido ao contexto histórico, a leitura se configura como uma prática de extremo valor na sociedade moderna.

## **Nação**

Observamos a existência de um nacionalismo focado na urbanização e nos ideais da modernidade capitalista e preocupado com a “civilização”, pois a esta “adoça os caracteres e torna os homens bons!” (ALMEIDA, 1911, p. 34). Nos livros analisados são cultivados os símbolos nacionais, como a bandeira e o hino. Percebe-se que, por meio das histórias, há o desejo de

construir uma identidade nacional. Assim, há a defesa de que todos são iguais (em termos de virtudes) e suficientemente fortes para defender a nação. As histórias trazem também imagens daqueles considerados os verdadeiros heróis da Pátria. Além disso, aparece um problema sobre etnicidade: como incluir o indígena e os negros nas histórias, uma vez que estes são retratados nos livros como figuras selvagens e incivilizadas?

É necessário lembrar que, no final do século XIX e início do século XX, consolidava-se o regime republicano brasileiro, o que levou a gestação de um projeto civilizador que se articula com o processo de urbanização das cidades. Conforme as palavras impressas no livro *Histórias da Nossa Terra*, “Aqui, a locomotiva rasga a terra, fura os montes, leva para diante a civilização que tudo aperfeiçoa”, almejando a construção de uma cidade moderna, “rasgada de avenidas, bordada de parques, semeada de escolas” (ALMEIDA, 1911, p. 173).

Nesse sentido, ao defender o processo “civilizador” da sociedade, construindo novos padrões e formando novas mentalidades que nos desse uma identidade, Júlia Lopes de Almeida valoriza por exemplo a língua brasileira, ao dizer que “devemos a conhecer bem, pois ella é a melhor parte de nós mesmos, é a nossa tradição, o vehiculo do nosso pensamento, a nossa patria e o melhor elemento da nossa raça e da nossa nacionalidade” (ALMEIDA, 1911, p. 12-13).

Na história intitulada “A nossa bandeira”, também de *Histórias da Nossa Terra*, Júlia Lopes de Almeida a menciona como sendo o maior símbolo da Pátria, significando o bem, a razão e a justiça. Nessa lógica, é necessário nutrir um profundo respeito pela bandeira, que só seria possível caso o povo fosse dotado de virtudes, desenvolvidas por meio dos empreendimentos, do trabalho, da inteligência e da “inteireza do seu character e a magnanimidade do seu coração, que lhe dão prestigio deante de todo mundo” (ALMEIDA, 1911, p. 8).

O conteúdo dos livros de leitura, portanto, apresentam também valores como bondade, honestidade, valorização do trabalho e obediência total aos deveres que indicariam a civilidade de um povo e os rumos pelos quais o país se direcionaria. Era necessário, pois, de acordo com as informações contidas no prólogo de *Contos Infantis*, “Alimentar o espírito das creanças, com o seu corpo, com o que ha de mais puro e são” (VIEIRA; ALMEIDA, 1905, p. 7).

Por fim, nos livros é cultivado, a todo momento, o sentimento patriótico de diversas formas. Uma delas é por meio da exaltação da pátria, e as crianças aparecem como sujeitos que deveriam viver em nome de seu país. Em um dos textos de *Histórias da Nossa Terra*, uma mãe escreve uma carta expressando seus anseios maternos: “A minha aspiração materna é esta, está só: que meus filhos sejam homens de bem, e pelo bem uteis á sua pátria” (ALMEIDA, 1911, p. 158).